

O Ocidente coletivo, entre o declínio e o genocídio



Por **MARTÍN MARTINELLI***

A questão palestina contém todos os ingredientes das atuais disputas globais.

A lógica sistemática da Guerra Situacional Híbrida Global (GHSW) em curso, referida por alguns como Terceira Guerra Mundial, está relacionada a aspectos cruciais como o controle dos recursos energéticos e alimentares e, claro, a intervenção em locais de impacto geoestratégico global.

Dois anos de genocídio israelense-americano em Gaza simbolizam o declínio da hegemonia ocidental e a ascensão da China e de algumas antigas periferias. Guerras e revoluções como as do Sahel e [HYPERLINK "https://tektonikos.website/ibrahim-traore-y-la-resurreccion-del-panafricanismo/"](https://tektonikos.website/ibrahim-traore-y-la-resurreccion-del-panafricanismo/) Pan-africanismo explicado por Andrés Ruggeri: "Eles são uma constante neste momento de transição hegemônica e redistribuição militarista global".

Um genocídio sustentado, financiado e narrado pelos olhos dos poderes de fato do decadente Ocidente coletivo, demonstra sua consciência das mudanças nas placas tectônicas do mundo. Isso também pode ser analisado pela estratégia dos EUA para o século XXI como o novo século americano, que vem tropeçando em uma série de turbulências.

A Palestina é a causa do Sul global e parte do coração do mundo, se nos for permitido argumentar com os argumentos de Halford Mackinder de mais de um século atrás e deslocar ligeiramente o eixo de seu Coração do submundo russo, o que hoje é a antiga Ásia Central soviética, para o centro da Afro-Eurásia, ou aquela região às vezes controlada por árabes, que agora se estende do Marrocos ao Paquistão e da Turquia ao Iêmen.

Lá, o trem belicista do sistema imperial americano e seus aliados está colidindo frontalmente com grande parte do mundo que discorda dessa abordagem, como demonstrado pela intervenção humanitária na *Flotilha Global Sumud*, contra a qual Israel não demonstrou limites de qualquer tipo. Isso significa que o que o exército israelense faz no genocídio e infanticídio de palestinos pode se estender a outros que não se submetem a esse poder bélico em bons termos.

Isso pode ser analisado de uma perspectiva geopolítica, observando os gráficos de recursos de petróleo e gás incluídos abaixo neste artigo, juntamente com os maiores produtores de petróleo. Fica claro quais países conseguem manter sua soberania e controlá-los por meio de vários mecanismos, como Rússia, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, enquanto outros sofreram invasões, como Líbia, Síria, Iraque e Kuwait. Por fim, vemos os dois maiores alvos atuais do trumpismo americano (embora não sejam novos): o Irã, o grande inimigo visado pelo eixo anglo-israelense por meio de genocídio, e a Venezuela.

O mesmo se aplica aos principais produtores de petróleo, que nem sempre correspondem às maiores reservas, e às reservas de gás, que incluem as da Rússia, Irã e Catar, como mostrado no gráfico. Esse controle dos recursos é de vital interesse para os Estados Unidos diante de seu relativo declínio. Esse "coração" chamado "Oriente Médio" serve como alavanca para a dominação mundial por meio desses campos energéticos e dos oleodutos e transporte marítimo que os

acompanham, para conter aliados como a Alemanha e os oleodutos Nord Stream destruídos pela potência americana, ou para ameaçar estancar o fluxo para o rival sistêmico que é a China hoje.

Genocídio



Além da falsa retórica pacifista do governo Trump, seu governo e o Pentágono não estão se retirando das atuais zonas de guerra. Pelo contrário, utilizando diversos métodos, incluindo investimentos e envios de armas, estão avançando e intensificando os conflitos na Europa Oriental e na Afro-Eurásia Central. Não se trata apenas das dezenas de milhares de mortes na Faixa de Gaza nos últimos dois anos. Na publicação [HYPERLINK "https://arena.org.au/politics-of-counting-gazas-dead/"](https://arena.org.au/politics-of-counting-gazas-dead/)areia australiana, os especialistas Richard Hil e Gideon Polya destacam o seguinte: "Ao incluir as mortes resultantes de privação imposta (mortes indiretas) nos dados de mortalidade, os números totais serão maiores do que os de mortes violentas (mortes diretas).

De acordo com o artigo, a eminente epidemiologista, Professora Devi Sridhar (Presidente de Saúde Global da Universidade de Edimburgo), relatou em um artigo no jornal *The Guardian* uma estimativa conservadora de quatro mortes indiretas para cada morte direta. Assumindo que as mortes por privação foram quatro vezes maiores do que as mortes violentas, as 136.000 mortes violentas após 15,5 meses de matança (25 de abril de 2025) implicariam 544.000 mortes em Gaza por privação imposta, e que o número total de mortes em Gaza seria consequentemente de 136.000 mortes violentas mais 544.000 por privação imposta, dando um total impressionante de 680.000 mortes em 25 de abril de 2025.

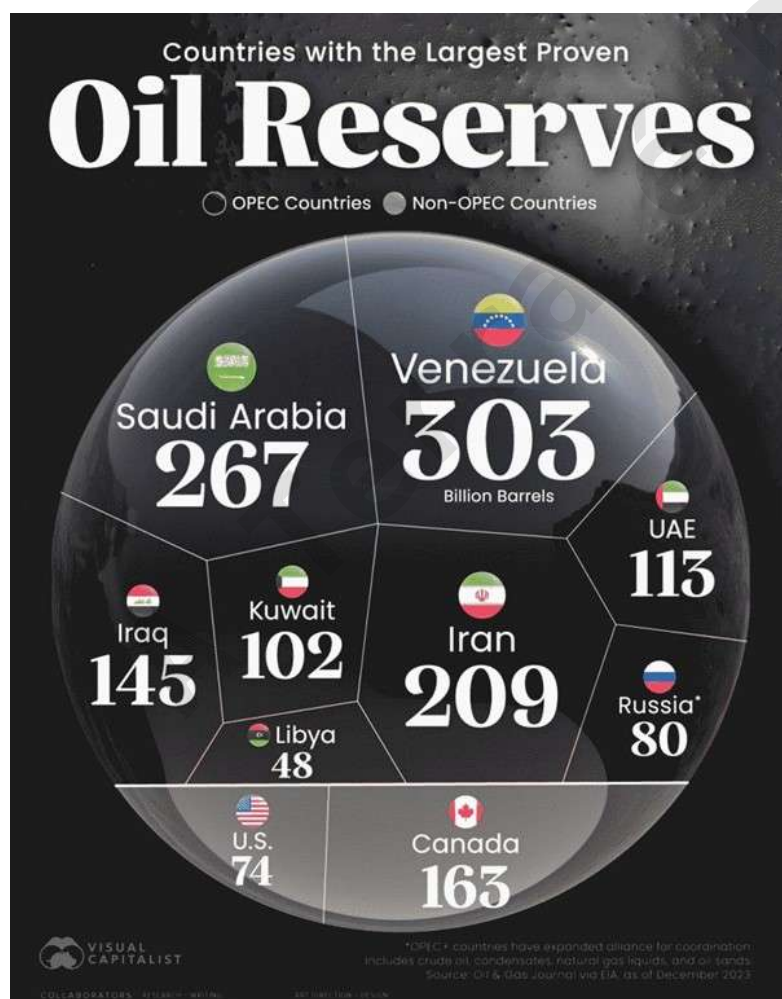
A maioria dessas vítimas, como indicados em contagens anteriores do Ministério da Saúde, são mulheres e crianças. Chocante em sua enormidade, o número de 680.000 é derivado de cálculos baseados em outros conflitos ao redor do mundo.

Ou seja, somente o genocídio israelense-americano na Palestina, segundo todos os dados disponíveis, teria resultado na morte de 680.000 palestinos, 380.000 deles crianças. A premissa renovada por trás desse massacre é o domínio dos recursos energéticos, semelhante à proposta no Projeto do Novo Século Americano.

Guerra Global Híbrida Situada (GGHS)

O imperialismo norte-americano busca a subordinação da Europa, bem como do Japão (ocupado desde 1945 com bases americanas e armas nucleares do hegemôn). O cerne de seus objetivos é conter a expansão da China e impedir o restabelecimento da Rússia, dado o impacto que isso tem sobre outros atores. Esses fundamentos fundamentam as guerras contemporâneas.

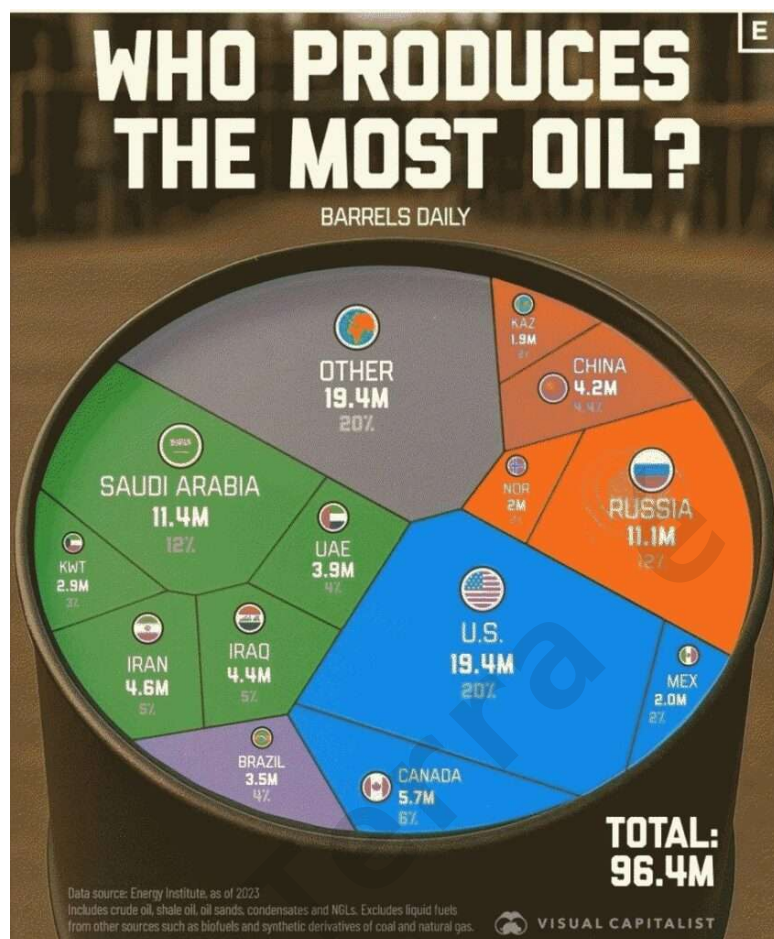
Essa reformulação geopolítica é produto da competição e das disputas por hegemonia, e da resistência vinda de baixo. Isso é acompanhado pela busca por recursos estratégicos (como segurança energética) e pela tentativa de dominar populações e Estados sob seus ditames e interesses hegemônicos.



Também não é coincidência que os locais escolhidos para tecer uma teia de países alvos de guerra, conhecidos como “eixos do mal”, sejam os locais escolhidos. Basta olhar para duas reservas comprovadas, as de gás e petróleo, para ver como

esses países são permeados pela lógica gramsciana da aplicação hegemônica da força e do consentimento. Em outras palavras, George Bush Jr. declarou: “Ou vocês estão conosco ou estão contra nós”, ou são aliados, ou enfrentam as consequências.

Após o fim da Guerra Fria, o Eixo Anglo-Saxão invadiu a Somália em 1993 e 2002; o Afeganistão em 2001; o Paquistão em 2001; o Iraque em 1991 e 2003; a Líbia em 2011; a Síria em 2015; e o Iêmen sem o consentimento do Conselho de Segurança da ONU.



O capitalismo fóssil continua a sustentar esse genocídio porque a Palestina está no coração da Afro-Eurásia. Lá, os Estados Unidos e seus aliados destruíram, bombardearam e assassinaram civis e crianças, fragmentando assim as sociedades de países inteiros como Síria, Líbano, Iêmen, Afeganistão, Líbia, Iraque e Sudão. O Irã também é alvo, e em outra latitude, mas na mesma linha, a Venezuela. Assim, a Palestina faz parte dessa lógica em que os Estados Unidos dominam as ações de Israel naquela região.

Surge então a questão de por que essa política de tentar colonizar a Palestina, desarraigar a população, impor pressão legal, apoiar a violência diária dos colonos, promover a destruição de casas e plantações, permitir prisões seletivas e uma série de outras ações que violam os direitos humanos palestinos mais básicos está sendo desencadeada. E como isso impacta a disputa regional. O papel do Estado de Israel no objetivo dos Estados Unidos de impor um caos controlado de reordenamento territorial em toda a região é evidente.

Essa ideia deve ser apresentada considerando três escalas de tempo de análise: longo, médio e curto. Isso implica avaliar as ações dos EUA desde o fim da Guerra Fria, há cerca de trinta e cinco anos. No contexto de médio prazo da situação

atual, os Estados Unidos, sem dúvida, enfrentarão dificuldades crescentes para manter seu controle político e econômico global nas próximas décadas.

Neste exercício, Washington manteve o objetivo de implantar e controlar sua hegemonia sobre os outros, utilizando as ferramentas do imperialismo e da força militar, entre outras chaves mencionadas. Estendeu sua influência e intervenção em um arco geográfico dos Bálcãs ao Afeganistão e, através do Norte da África, ao Marrocos. Às vezes com o uso da OTAN e às vezes sem, o movimento de ocupação seguiu uma estratégia clara. Começou no Báltico, atravessou a Europa Central, Ucrânia e Bielorrússia, passou pelos Bálcãs e, finalmente, culminou na Ásia Central e no Paquistão com as guerras no Afeganistão e no Iraque.

Neste século, o Pentágono tem como alvo cinco entidades, combinadas ou não, em sua linguagem militar como 4 + 1: China, Rússia, Irã, Coreia do Norte e uma entidade transterritorializada: organizações extremistas violentas (VEOs). Na prática, eles já utilizavam o “direito de ataque preventivo” contra países periféricos sob os auspícios da Guerra Fria. A novidade reside no anúncio de que o objetivo final dos Estados Unidos, a partir de então, é impedir, por tempo indeterminado, o surgimento, em qualquer lugar do mundo, de outra nação ou aliança de nações que rivalize com seu poder.

O quadro de atuação de Israel contra a resistência palestina tem um contexto geopolítico que vem se modificando rapidamente desde o confronto entre Rússia, Ucrânia e OTAN, iniciado em 2014 e aprofundado em 2022. É necessário destacar também a características do que consideramos uma Guerra Global Híbrida Situada, porque se trata de um confronto simétrico e assimétrico, também geoeconômico, cognitivo, informacional, em que uma das armas por excelência é a censura e a proibição de mídias alternativas, ou melhor, aquelas vindas de países que não se conformam com o discurso ocidental.

A guerra híbrida pode ser uma tática para provocar a guerra ou criar indiretamente tensão por meio da desestabilização em ou a partir de países vizinhos. São casos em que “revoluções coloridas” são geradas ou incentivadas, como na Ucrânia ou em países da antiga União Soviética, como Geórgia ou Quirguistão, ou mesmo na Iugoslávia (2000), com a derrubada de Slobodan Milošević. Esse tipo de guerra indireta tem uma longa história, mas tem sido usado com precisão específica nas últimas duas décadas, e os alvos são países considerados inimigos do eixo anglo-saxão.

Os conflitos geopolíticos globais estão no auge devido ao nível de confronto, à competição por esferas de influência e à crise capitalista sistêmica. Da perspectiva chinesa, fala-se também em guerra irrestrita como o novo modo de confronto, termo proposto pelos oficiais do Exército de Libertação Popular Qiao Liang e Wang Xiangsui. Qual [HYPERLINK “https://tektonikos.website/la-poliguerra-global-del-pacifismo-trumpista/”](https://tektonikos.website/la-poliguerra-global-del-pacifismo-trumpista/) Javier Vadell em Tektónikos descreveu como “...múltiplas guerras lançadas a partir dos centros de poder da potência em declínio”.

Genocídio visto de baixo

A resposta popular generalizada de um extremo ao outro do mundo é que há uma clareza incontestável na observação de revoltas e manifestações globais contra o genocídio israelense-americano de palestinos. O exército de ocupação israelense também assassinou libaneses, iraquianos, iemenitas, iranianos e sírios. Nesses casos, não se trata de genocídio, embora se trate de ataques a civis e cidades naquela lista de países onde, segundo o chanceler alemão Friedrich Merz, Israel “estava fazendo o trabalho sujo para nós”, referindo-se à Europa e ao Ocidente Coletivo.

A bandeira palestina, como símbolo de resistência, de luta e dos oprimidos contra as grandes potências globais, é hasteada em situações interligadas às dos trabalhadores em diferentes partes do mundo. Portanto, pode-se dizer que a tentativa de apagar a Palestina de mapas e dicionários, ao contrário, catapultou para níveis mais elevados de representação de que é possível lutar contra os maiores opressores: atualmente, as elites financeiras e políticas amalgamadas de Israel e dos Estados Unidos, juntamente com a OTAN.

As recentes medidas ocidentais de reconhecimento do Estado da Palestina, adotadas pelo Reino Unido, França, Canadá e Portugal, podem ser interpretadas, em geral, como ambivalentes. Por um lado, são apoiadores e patrocinadores do genocídio, participando diretamente da OTAN e sendo os aliados mais importantes dos Estados Unidos. Mas, por outro lado, esse reconhecimento do Estado palestino, mesmo com suas limitações e demandas significativas, considerando sua data muito tardia, pode sinalizar o início de mudanças políticas em relação a Israel e, portanto, aos Estados Unidos.

Isso significa que é preciso prestar atenção ao impacto dos diferentes protestos populares na tomada de decisões governamentais. Um movimento crucial foi iniciado pela Itália, em oposição ao governo de extrema direita de Giulia Meloni, quando sindicalistas e trabalhadores propuseram o seguinte slogan durante uma greve geral massiva em protesto contra o genocídio: “Vamos bloquear tudo. Vamos parar o genocídio”. Por exemplo, as diversas greves que ocorreram nos portos italianos levaram posteriormente a uma greve geral pela Palestina e pelos direitos dos habitantes de Gaza, vítimas do genocídio, como explicamos em nosso livro *A geopolítica do genocídio em Gaza* (2025).

Isso poderia levar a embargos de armas e ao envio ou compra de produtos de Israel, ou, por exemplo, à retirada dos benefícios de que Israel desfruta como um parceiro quase extra na União Europeia, bem como na OTAN. Também poderia levar à suspensão da seleção israelense de futebol e de sua participação (incluindo suas equipes) nos campeonatos da UEFA. Isso está em consonância com o movimento BDS – um boicote, desinvestimento e sanções contra a África do Sul do apartheid – e poderia ter implicações para o regime israelense atual, visto que o BDS contra Israel surgiu da sociedade civil palestina em 2005 e está se espalhando cada vez mais pelo mundo.

O Sul Global, entendido como potências emergentes ou ressurgentes, apoia a Palestina, embora isso não tenha impedido o genocídio. Suas instituições propõem uma nova arquitetura global, que já está em andamento, e propõem um novo papel nas relações entre os países em todo o mundo. Há, portanto, um novo apoio e uma nova perspectiva de outros países, como China e Rússia, mas também de Brasil, Índia, Turquia, Irã, Indonésia e Arábia Saudita, que se opõem ao genocídio por saberem que se trata de uma demonstração de poder de uma potência hegemônica em declínio e que buscam maneiras de detê-lo por meio de diversas organizações internacionais.

Encerramos com uma charge de Robert Minor publicada no *Daily Worker*, jornal do Partido Comunista dos Estados Unidos, em 1925. Ela mostra a China, a Índia e a África cercando o colonialismo escravista das potências imperialistas (Estados Unidos, Reino Unido e França). Ao fundo, um soldado soviético com uma estrela vermelha apoia a causa da descolonização. Ilustra parte da atual situação global, em que o Sul Global está cada vez mais consciente de como o capitalismo, o imperialismo e o colonialismo prejudicaram suas vidas no passado e no presente.

Portanto, esse genocídio do povo palestino gera cada vez mais rejeição e formas de resistência. Todas as formas de resistência palestina se espalham para o resto do mundo e mostram que, se sobreviverem diante das maiores potências globais opróbrias e com recursos escassos, tornam-se um exemplo e uma ponta de lança contra o capitalismo fóssil no próprio coração do sistema global.

Caricatura de Robert Minor no *Daily Worker*, jornal do Partido Comunista dos Estados Unidos, em 1925.



***Martín Martinelli** é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidad Nacional de Luján (Argentina). Autor, entre outros livros, de *Palestina (e Israel)*. Entre intifadas, revoluciones y resistencias (EdUNLu).

Publicado originalmente no site Tektónikos [<https://tektonikos.website/occidente-colectivo-entre-el-declive-y-el-genocidio/>].

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.**

CONTRIBUA